

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

MARIA RITA DA ROSA OLIVEIRA

**PERTENCIMENTO:
O *SLAM* COMO MECANISMO DE IDENTIFICAÇÃO COLETIVA NA SALA DE
AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Porto Alegre
2023

**PERTENCIMENTO:
O *SLAM* COMO MECANISMO DE IDENTIFICAÇÃO COLETIVA NA SALA DE
AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Monografia apresentada ao
Instituto de Letras como requisito
parcial para a formação em Letras
Licenciatura na Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª Dr.^a Juliana Schoffen

*O correr da vida embrulha tudo,
a vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.*

João Guimarães Rosa

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Maria Goreti Oliveira e Giovani Oliveira, que sempre me incentivaram a melhorar e a buscar os meus objetivos, por mais difíceis que eles parecem ser. Obrigada por nunca soltarem a minha mão e por me guiarem em todas as etapas da minha vida.

Ao meu companheiro, Leonardo Becker, que me acompanhou todos os dias com muito amor e acolhimento em mais esta trajetória, e que me ensina que o amor é leve e gentil. Obrigada por compartilhar a vida comigo e acreditar em mim.

À Juliana Schoffen, minha orientadora, que com muito carinho e dedicação me acompanhou e orientou neste trabalho. Obrigada, por acreditar em mim e me inspirar a ser uma profissional sensível e excelente como você.

À Thais Boardman, minha amie, com quem dividi a sala de aula, como aluna e como docente. A minha companheira de incontáveis cafés pelo campus do vale e que, hoje, é uma profissional maravilhosa com quem compartilho a vida e as melhores histórias.

Aos amigos Jaíne Fernandes e Gabriel Sanches que me acompanham e torcem por mim há muitos anos e os quais são parte essencial na minha vida, pois são como uma família. Obrigado por cada encontro semanal, por todas as risadas e por todo o amor.

Às amigas, Lia Souza e Ana Paula Zini, que me incentivam e me inspiram todos os dias, mostrando que juntas somos mais fortes e melhores. Obrigada por serem acolhimento e motivação durante todo esse ciclo e pela vida afora.

Aos amigos que o curso de Letras me deu, Leonardo Lima, com quem aprendi as melhores reflexões linguísticas e a quem tenho muita admiração, e Eduarda Martinelli, que dividiu comigo muitas risadas e desabafos. Obrigada, queridos, sem vocês essa trajetória não seria a mesma.

Por fim, a todos os alunos com quem tive o prazer de compartilhar a sala de aula e que me motivam todos os dias a ser uma profissional melhor.

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de refletir sobre como o *poetry slam* pode ser usado no ensino de língua portuguesa, propiciando que o estudante expresse suas vivências e amplie o seu conhecimento sobre os recursos necessários a este gênero discursivo. Baseando-se na concepção bakhtiniana de gêneros do discurso, que está presente também nos documentos orientadores de ensino de língua portuguesa, como os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), busca-se, aqui, discutir sobre que a sala de aula de língua materna deve se aproximar das necessidades e realidades dos estudantes, entendendo também a oralidade como parte fundamental dentro do ensino de língua portuguesa. Além disso, evidencia-se o *poetry slam* como ferramenta importante para democratização da poesia e como mecanismo de identificação coletiva, que deve ser levado a sala de aula. Por fim, propõe-se a didatização do *poetry slam*, através da elaboração de uma unidade didática pensada para o trabalho com alunos de uma escola periférica de Porto Alegre.

Palavras-Chave: ensino de língua portuguesa; parâmetros nacionais curriculares (PCNs); base nacional comum curricular (BNCC); *poetry slam*; gêneros discursivos; didatização.

Abstract

This study aims to reflect on how poetry slam can be used in teaching Portuguese language, fostering student's expression of experiences and enhancing their skills in relation to the specific resources of this discursive genre. Drawing on the Bakhtinian perspective on discourse genres, which is also present in guiding documents for Portuguese language teaching, such as the National Curriculum Parameters (PCNs) and the National Common Curricular Base (BNCC), this study seeks to underscore the importance of aligning the native language classroom with student's needs and realities, acknowledging oral communication as an essential component in the process of teaching and learning Portuguese. Furthermore, it emphasizes poetry slam as a significantly valuable tool for democratizing poetry and fostering collective identification, which should be incorporated into the classroom context. Finally, it proposes the practical implementation of poetry slam by designing a didactic unit aimed at working with students from a peripheral school in Porto Alegre.

Keywords: Portuguese language teaching; national curriculum parameters (PCNs); national common curricular base (BNCC); poetry slam; discursive genres; didactization

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	9
2.1. O percurso histórico da disciplina de “Português”.....	9
2.2. Os gêneros do discurso e o ensino de língua portuguesa.....	10
2.3. Gêneros orais na sala de aula.....	14
3. <i>SLAM</i>	15
3.1. Percurso histórico: surgimento e evolução do movimento no mundo.	15
3.2. A influência do <i>Slam</i> nas comunidades periféricas do Brasil.....	19
4. PERTENCIMENTO: O <i>SLAM</i> COMO MECANISMO DE IDENTIFICAÇÃO COLETIVA NA SALA DE AULA.....	21
4.1. A didatização do <i>Slam</i> para aula de língua portuguesa.....	21
4.2. Proposta de unidade didática: o <i>slam</i> e o pertencimento.....	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	38
APÊNDICE A.....	40
APÊNDICE B.....	41
APÊNDICE C.....	42
APÊNDICE D.....	43
APÊNDICE E.....	44
APÊNDICE F.....	45
APÊNDICE G.....	46
APÊNDICE H.....	47

1. Introdução

Desde o seu nascimento, nos Estados Unidos, o *poetry slam* tem o compromisso de dar voz a pessoas que não pertenciam às classes sociais privilegiadas. Com o objetivo de democratizar a poesia, a primeira apresentação acontece em um bar frequentado por trabalhadores da região norte da cidade de Chicago e, posteriormente, ganha espaço mundial, acolhendo diversos *slammers* que gostariam de transformar suas vivências e experiências em arte poética. No Brasil, o movimento chega por meio de Roberta Estrela D’Alva e transforma-se em um potente espaço de fala, reflexão e resistência, onde a coletividade predomina. Dando visibilidade às comunidades periféricas, nas batalhas de *poetry slam* os poetas (*slammers*) trazem representatividade em suas poesias, na medida em que elas abordam desde os problemas sociais enfrentados no dia a dia por pessoas semelhantes a eles, até falas que refletem sobre sentimentos amorosos, por exemplo.

Este trabalho pretende refletir sobre como podemos, enquanto docentes da área de letras, propor um ensino de língua portuguesa que acolha os diferentes sujeitos que estarão em nossas salas de aula, ao mesmo tempo que forneça o embasamento linguístico necessário para que eles possam ocupar diversos espaços discursivos.

Considerando, então, a perspectiva do teórico Mikhail Bakhtin, entende-se que a linguagem carrega consigo um valor histórico e social, e, portanto, ideológico, que permite o surgimento de diversos enunciados que ganham sentido dentro de grupos específicos de falantes. A partir dessa noção, surge a ideia de trabalhar o *poetry slam* dentro da sala de aula de língua portuguesa, pois esta é uma manifestação artística que contempla diversos sujeitos diferentes que encontraram na linguagem uma forma de expressar suas realidades, visto que estas, muitas vezes, são ignoradas.

Trazer para sala de aula manifestações que fazem sentido aos estudantes faz com que eles se sintam pertencentes ao espaço escolar e que compreendam que suas culturas e subjetividades fazem parte daquele ambiente e são valorizadas. A partir disso, propõe-se, aqui, a didatização do *poetry slam* e exemplifica-se essa ideia através de uma unidade didática apresentada e discutida.

Dessa forma, fazendo o recorte pretendido neste estudo, que é o trabalho com o *poetry slam* na disciplina de língua portuguesa, dentro da escola pública brasileira, essa expressão artística possibilita uma aproximação entre os estudos linguísticos e as vivências pessoais dos estudantes, uma vez que para acontecer, o *poetry slam* movimenta recursos orais e escritos

específicos a este gênero, e também pode abordar assuntos vivenciados pelos estudantes, considerando que a seleção de textos e vídeos será feita por um docente que conheça seu público escolar. Diante disso, propõe-se a seguinte questão nesse estudo: como o *slam*, enquanto discurso democrático e expressivo de alguns grupos sociais, poderá estar presente na sala de aula de língua portuguesa?

Nesse sentido, farei um percurso histórico sobre o surgimento da disciplina de língua portuguesa no Brasil, pois esse conhecimento é necessário para entender-se quais questões levaram ao surgimento dos Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs), publicados em 1997, e também como se deu a publicação do documento orientador atual, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Dessa maneira, considerando que ambos os documentos evidenciam um ensino de língua que se organiza a partir de gêneros discursivos, cabe, também, ao presente estudo refletir sobre a teoria bakhtiniana que guia essa concepção de ensino. Por fim, no capítulo quatro, denominado *Pertencimento: O Slam Como Mecanismo De Identificação Coletiva Na Sala De Aula*, apresentarei uma proposta de unidade didática que visa pensar como trabalhar o *slam* na sala de aula e também auxiliar outros docentes que queiram trilhar este caminho e se aproximar desta temática.

2. ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

2.1. O percurso histórico da disciplina de “Português”

Ao analisarmos historicamente o ensino de língua portuguesa no Brasil, observamos que ela só foi incorporada ao currículo escolar, com estruturas parecidas às que conhecemos hoje, no final do século XIX, com o fim do período imperial (SOARES, 2002). Antes disso, existia um ensino pautado em necessidades históricas: primeiro, ensinar língua era uma tarefa destinada à catequização dos povos indígenas pelos colonizadores e, posteriormente, o ensino passou a atuar do plano das necessidades das classes privilegiadas, que precisavam ser alfabetizadas e, em seguida, poderiam chegar ao estudo de latim.

No Brasil, a determinação, que não dava lugar à língua portuguesa no currículo, parece ter sido facilmente assimilada, obedecida sem resistência desde o século XVI até a primeira metade do século XVIII: em primeiro lugar, os poucos que se escolarizavam durante todo esse período pertenciam a camadas privilegiadas, cujo interesse e objetivo era seguir o modelo educacional da época, que se fundava na aprendizagem do latim e através do latim, fugindo à tradição dos sistemas pedagógicos de então atribuir às línguas nacionais estatuto de disciplina curricular. (SOARES, 2002. p. 158)

Ainda, juntamente com o fim do Império, as três disciplinas existentes no currículo escolar e que trataram do ensino de língua portuguesa, chamadas de retórica, poética, gramática, se difundiram e passaram a constituir a disciplina de Português (SOARES, 2002). Entretanto, mesmo com a mudança de título, os ensinamentos de língua portuguesa permaneciam centrados no estudo da gramática, pois era o interesse da população que tinha acesso às escolas na época, se tratando, predominantemente, da elite. Assim, se adequando às mudanças e necessidades sociais, o Português enquanto disciplina curricular se ateu ao estudo do sistema da língua, através da gramática.

Esse quadro persistiu ao longo de todo o século XX, e mesmo que a leitura e a escrita tenham conquistado espaços maiores dentro da disciplina de Português, demonstrando que existiam outras necessidades além do estudo sistemático da língua, esse permaneceu. Vale ressaltar aqui que, em meados dos anos de 1950, existiu uma mudança significativa no que diz respeito à ascensão social e também no público que tinha acesso às escolas no Brasil, pois, naquele momento, após muitas reivindicações populares, democratiza-se, em certa medida, a escola (SOARES, 2002). Diante disso, novas necessidades surgiram, pois a utilização da escrita e a ampliação da circulação de textos estavam influenciando diretamente as demandas escolares.

Apesar dos fatos citados acima, as concepções só serão diferentes, efetivamente, a partir do momento em que novos documentos e novas pesquisas começam a entrar em cena no Brasil, trazendo outra perspectiva de ensino de língua portuguesa, através do uso do texto em sala de aula.

2.2. Os gêneros do discurso e o ensino de língua portuguesa

Para compreender o caminho que este estudo percorre, é necessário elucidar a concepção de ensino de língua que o norteará. Em virtude disso, voltaremos, mesmo que brevemente, aos conceitos que estavam se estabelecendo na área de ensino de língua portuguesa por volta da década de 1980 e que culminaram na publicação dos documentos orientadores do ensino de língua portuguesa no Brasil, chamados de Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1997.

No ano de 1984, João Wanderley Geraldi publica a obra: *“O texto em sala de aula”*, que sistematiza a ideia de que o estudo de língua deve estar centralizado no texto, e que o mesmo é um espaço de interação e diálogo. Em vista disso, em 1997 o autor publica outra obra, chamada *“Portos de passagem”*, em que aprofunda e organiza melhor as proposições da

publicação anterior e diz que a escola deve estabelecer “a produção de textos (orais e escritos) como ponto de partida (e ponto de chegada) de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua” (GERALDI, 1997, p. 135)

Nesse momento, para além da contribuição acima mencionada, novos estudos surgiram e iniciou-se uma visão de ensino de língua baseada em situações de comunicação que dependem da linguagem para acontecer, e por conta disso, aprender e sistematizar a gramática do português já não se faz suficiente. Entende-se aqui que as pessoas são inseridas na sociedade através da linguagem. É por ela que temos acesso às informações, que expressamos nossas ideias e sentimentos e também que produzimos cultura. (BRASIL, 1998, p. 19). Dessa maneira, caberia também à escola dar conta de um ensino que vá ao encontro das necessidades dos sujeitos no que se refere à participação nos ambientes sociais, uma vez que boa parte deles se organiza em torno da linguagem. Sobre esse assunto, em 1997, Percival Britto irá refletir, entre outros aspectos, sobre o papel do ensino de língua portuguesa:

O ensino de língua, inclusive no que diz respeito à reflexão metalinguística e aos conhecimentos da língua enquanto fenômeno, não se confunde com a apresentação formal de uma teoria gramatical nem se limita ao nível da frase; e, considerando equivocada e ideológica a associação entre norma culta e escrita e a inexistência de uma modalidade unificadora das variedades faladas do português, não faz sentido insistir que o objeto da escola é ensinar o chamado português padrão. O papel da escola deve ser o de garantir ao aluno o acesso à escrita e aos discursos que se organizam, a partir dela. (BRITTO, 1997, p.14)

Considerando essas ideias, em 1997 são publicados os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs), que tinham por objetivo traçar um novo rumo para as discussões curriculares no Brasil, e contribuir para reflexão dos professores sobre as suas práticas.

Os PCNs do Ensino Fundamental dividem-se em dois livros: o primeiro deles, de 1997, abrange os primeiros anos de ensino, da 1ª à 4ª série, conforme a nomenclatura vigente na época. Já o segundo livro está destinado às séries finais, contemplando da 5ª à 8ª séries. Vale ressaltar que nesse período o Ensino Fundamental ainda possuía apenas oito anos.

O caminho trilhado pelos PNCs estava destinado a refletir sobre as relações entre ensino e aprendizagem e professor-aluno. Já os PCNs de Língua Portuguesa (LP), especificamente, abordava também o trabalho pedagógico com a análise linguística, apresentando concepções de ensino, texto, gênero, oralidade, texto literário, variação linguística, entre outros, como o ponto de partida para o trabalho em sala de aula.

É preciso, então, ressaltar aqui o que os PCNs de LP expressam sobre aprendizado da língua:

Nessa perspectiva, língua é um sistema de signos específico, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade. Aprender a língua é aprender não somente palavras e saber combiná-las em expressões complexas, mas apreender pragmaticamente seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas. (BRASIL, 1998. p. 20)

Por esse viés, entende-se que o estudo da língua se organiza a partir da necessidade de se comunicar e se compreender enquanto sujeito social. A partir daí, volta-se o olhar para os discursos produzidos pelos locutores e a urgência de entender o que está sendo comunicado, considerando os diversos espaços e situações discursivas existentes. Mas, para trabalharmos no plano do discurso, é preciso, primeiro, compreender como esse conceito aparece nos PCNs de língua portuguesa. Vejamos a noção abaixo:

O discurso, quando produzido, manifesta-se lingüisticamente por meio de textos. O produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo, qualquer que seja sua extensão, é o texto, uma seqüência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. Em outras palavras, um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global. Caso contrário, não passa de um amontoado aleatório de enunciados. (BRASIL, 1998. p. 21)

Percebe-se, dessa forma, que o discurso tem como ponto de partida uma organização textual, que acontece via práticas de linguagem, ao mesmo tempo em que está relacionada a enunciados anteriores de forma constante, mesmo que implicitamente. É neste emaranhado de correspondências que se estabelece a noção de intertextualidade (BRASIL, 1998. p. 21), que funciona como pilar dentro do trabalho com textos e também é fundamental na formação escolar. Ainda, cabe salientar aqui que “todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam” (BRASIL, 1998. p. 21). Isso significa dizer que trabalhar a partir da ideia de gêneros também é lidar com diversas construções que serão produzidas, através dos diferentes discursos, historicamente e que terão ligação direta com o uso individual, coletivo e cultural da linguagem.

Percebemos, dado o exposto acima, que o encaminhamento sobre gêneros do discurso presente nos PCNs também é influenciado, para além da análise de Geraldi em terras nacionais, pela teoria de Mikhail Bakhtin, que entende a linguagem como produção social, e, portanto, ideológica. Compreendendo, então, a linguagem dessa maneira, Bakhtin afirma que, assim como as sociedades, a língua também carrega uma história (BAKHTIN, 2006) e, dessa forma, quando existe a necessidade concreta do uso da linguagem, através da fala, os

enunciados se constituem e começam a ganhar sentido, e esse, por vezes funciona como ideologia de um grupo, pois está inserido em um contexto de convivência que torna o seu entendimento possível e caminha para além da decodificação de signos. Para o autor, os enunciados e as palavras estão em ligação inseparável com o locutor, pois “não são palavras o que pronunciamos, mas, verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais (...). A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico” (BAKHTIN, 2006. p.96). Acerca disso, é possível concluir também que, dentro dessa linha de análise, as palavras e os enunciados despertam interesse ou não, em determinados grupos, a depender da situação comunicativa em que estão inseridas. Além disso, dada a sua construção histórica, as palavras são indicadores que marcam mudanças ou permanências nas sociedades e, por isso, os enunciados estão em constante relação entre si, de maneira que não existe, portanto, um locutor e um receptor, e sim discursos produzidos no ato da comunicação.

Ademais, cabe sintetizar que os enunciados acontecem dentro de esferas comunicacionais (BAKHTIN, 2006. p. 69) e, a partir daí, cada enunciador produz inúmeros outros enunciados, e estes, por sua vez, estão relacionados às condições e às finalidades específicas das inúmeras atividades humanas. Dessa forma, diversos discursos surgem, conforme as necessidades humanas. Discursos estes que podem se formar no plano da oralidade ou da escrita, suas características podem mudar de acordo com relações sociais que vão se estabelecendo e, naturalmente, se modificando.

Ainda apoiada pela teoria bakhtiniana, no ano de 2017 entra em pauta um novo documento que orienta os currículos brasileiros, mas que mantém, em certa medida, a mesma concepção já vista com os PCNs. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) coloca ainda o texto como foco de ensino, considerando a importância do trabalho com gêneros discursivos, mas também adiciona quatro grandes eixos ao componente curricular de Língua Portuguesa, que são leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica), oralidade e análise linguística/semiótica (reflexão sobre a língua, normas-padrão e sistema de escrita).

O componente Língua Portuguesa da BNCC dialoga com documentos e orientações curriculares produzidos nas últimas décadas buscando atualizá-las em relação às pesquisas recentes da área e às transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século [...]. Assume-se aqui a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, já assumida em outros documentos, como Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para os quais a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica: um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história. (BRASIL, 2018. p. 67).

Diante disso, olhar atentamente para os documentos orientadores é fundamental para pensarmos como os gêneros discursivos aparecerão e funcionarão em sala de aula, visto que encontraremos indivíduos diferentes com construções e concepções múltiplas de um mesmo assunto e, por consequência, com discursos inesperados em vista do que foi idealizado pelo professor. Ainda, possivelmente, muitas dessas construções trabalharão no plano da oralidade e é preciso que nós, enquanto docentes, tenhamos um olhar atento a elas, entendendo também que, como previsto nos planos orientadores, a expressão oral é parte fundamental dentro do ensino de língua portuguesa.

2.3. Gêneros orais na sala de aula

Ao analisarmos tanto os PCNs, quanto, atualmente, a BNCC, a oralidade é entendida como parte fundamental dentro do trabalho com a reflexão linguística.

Conforme o que já foi visto aqui, de acordo com Bakhtin, um enunciado existe no uso da língua pelos falantes, dessa forma os gêneros do discurso se organizam nas diversas situações comunicativas, e expressam as diferentes posições do falante dentro desses contextos. Acordado isto, é preciso considerar que gênero do discurso integra a oralidade e a escrita, mesmo que cada um carregue a sua organização e estrutura.

Pensando, então, apenas nos gêneros orais, Schneuwly (2010) diz que eles estão “em relação com os escritos, de maneiras muito diversas: podem se aproximar da escrita e mesmo dela depender – como é o caso da exposição oral [...] –, como também podem estar mais distanciados” (SCHNEUWLY, 2010, p. 114). Desse modo, assim como existem diversos gêneros escritos, também formulam-se infinitudes de gêneros orais, através dos qual o falante se expressa de forma diferente, consoante a sua realidade, vivência, necessidade e propósito específico. É por este motivo, que não se pode dizer que existe apenas uma maneira correta de falar, pois, na verdade, os indivíduos sempre falam de um local específico para um interlocutor específico, dependendo da situação discursiva.

Nesse sentido, é importante pontuar que as pessoas têm contato com a oralidade desde muito cedo e, de acordo com Marcuschi (2007, p. 33), ela “compreende tanto a produção (a fala como tal) quanto a audição (a compreensão da fala ouvida)”. Posto isto, podemos crer que mesmo quando crianças já estamos inseridos em situações que têm como prática social a oralidade, como, por exemplo, no ambiente familiar. Esse fator pode funcionar como auxílio dentro da aula de língua portuguesa, visto que, em partes, já é conhecido pelos estudantes, mas não pode ser negligenciado, considerando que o falante

possuía domínio completo sobre as ferramentas necessárias para o seu uso social. É preciso, dessa forma, trabalhar com os gêneros orais também de maneira a levar os estudantes à reflexão sobre como são utilizados os recursos linguísticos necessários em cada contexto de comunicação.

Além disso, conforme Schneuwly e Dolz (2004), precisamos considerar, em uma lógica sociointeracionista de ensino de língua, que as produções linguísticas sempre ocorrem dentro de um determinado contexto histórico e social. Dessa maneira, valer-se desses textos que foram construídos a partir das ações linguísticas de determinados grupos de sujeitos, pode auxiliar no processo de aprendizado de estudantes que se familiarizem com o mesmo discurso. Por esse caminho, propõe-se, então, trazer para o ambiente escolar gêneros que normalmente estão fora dele. Isso não significa dizer que se deve eliminar da sala de aula o estudo com literaturas e gêneros já difundidos, mas, sim, que precisamos abrir espaço a diferentes gêneros textuais que, muitas vezes, são produzidos pela própria comunidade de alunos, fora da escola.

Diante disso, é preciso que estejamos sempre atentos, enquanto docentes, às novas possibilidades de gêneros discursivos que auxiliam no ensino de língua portuguesa pautado pela oralidade. Acerca disso, pode-se observar, por exemplo, que o *poetry slam*, ou simplesmente *slam*, vem conquistando importantes espaços no Brasil e se tornando cada vez mais presente na sociedade, colocando em evidência diversas vozes e funcionando, inclusive, como prática cultural e democrática dentro das comunidades onde se expandiu. Então, considerando esse aspecto, será proposta aqui a seguinte questão: como o *slam*, enquanto discurso democrático e expressivo de alguns grupos sociais, poderá estar presente na sala de aula de língua portuguesa? Para chegarmos à resposta, devemos, em primeiro lugar, conhecer a trajetória histórica do movimento e entender onde ele se encaixa no contexto brasileiro.

3. SLAM

3.1. Percorso histórico: surgimento e evolução do movimento no mundo

Os estudos acadêmicos acerca do *poetry slam* no Brasil são, ainda hoje, pouco presentes. Talvez isso aconteça por se tratar de uma manifestação relativamente nova e que chegou ao país em meados de 2008, por meio de Roberta Estrela D’Alva. A *slammer*, vencedora do terceiro lugar na Copa do Mundo de Poesia Slam, publica, alguns anos depois, em 2011, o texto *Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em*

cena, na cidade de São Paulo, no qual apresenta as características e o início da prática do *slam* nos Estados Unidos (EUA) e, posteriormente, sua expansão fora do país. Segundo a autora,

Poderíamos definir o poetry slam, ou simplesmente slam, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas, ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, o poetry slam se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo o mundo. (D'ALVA, 2011. p. 120)

Desde o início atrelado à missão de democratizar a poesia, o *poetry slam* surge na década de 1980 no Green Mill Jazz Club, situado no norte de Chicago, nos EUA. Nessa época, o operário e também poeta Mark Kelly Smith, em conjunto com o Chicago Poetry Ensemble, organizava noites de apresentações poéticas (D'ALVA, 2011. p. 120) tendo como objetivo espalhar a poesia para populações que não tinham acesso aos círculos acadêmicos e elitizados onde ela era difundida. Assim, a partir de uma expressão poética improvisada, por parte de quem estava declamando, e da tentativa de mostrar que a arte poética deveria estar em todos os lugares, nasceu, de forma orgânica, o *poetry slam*. Após o sucesso obtido nas primeiras manifestações, foi criado o *Uptown Poetry Slam*, evento que acontecia semanalmente no bar Green Mill Jazz Club e que reuniu cada vez mais praticantes com o passar dos anos. Esse encontro poético se difundiu rapidamente pelos EUA e fora dele.

Nas primeiras manifestações, ainda em Chicago, o *slam* entra em cena para denominar as performances poéticas, mas o contexto ao qual essa prática foi atrelada e que permaneceu presente com ela pelo mundo foram as competições de poesia. Ao final de um dos shows que aconteciam no bar, Mark Smith simulou uma competição e deixou que o público opinasse em relação às poesias assistidas. Essa prática foi muito bem aceita e se tornou comum dentro das manifestações dessa arte. Dessa forma, não demorou muito para que as competições chegassem a outras regiões dos EUA, pois já em 1990 estava acontecendo o primeiro *National Poetry Slam*, em São Francisco (MIRANDA, RIBEIRO, 2020. p. 61) e, logo em seguida, elas ultrapassaram os limites americanos e chegaram a países como Suécia, Inglaterra e Alemanha. Então, no ano de 2002, acontece o primeiro campeonato internacional em Roma, na Itália.

Ainda, é interessante acrescentar que o nome *slam* vem de uma onomatopeia da língua inglesa, que, em uma tradução livre aproximada para o português brasileiro, significa algo como “pá!” (NEVES, 2017, p. 93).

O slam se tornou, então, um movimento que reuniu ao longo dos anos muitos adeptos e muitas vozes que precisavam ser escutadas. Cabe ressaltar que na década de 1980 surge, também nos EUA, o movimento Hip-Hop, marcado por uma série de formas de expressão que passeiam entre a dança, a música, os desenhos e a voz de jovens da periferia que também tinham o desejo de ocupar espaços e mostrar a sua cultura. Desse modo, o *slam* nasce em um momento histórico dos EUA em que a população urbana, oriunda das classes trabalhadoras, por exemplo, estava buscando cada vez mais expandir suas expressões artísticas e se colocar em cena como sujeito cultural.

Mesmo com todas as mudanças e adaptações feitas ao longo do tempo, duas características principais permaneceram dentro das competições ou manifestações dos *slammers*: para acontecer, ele precisa de público e da performance, que vai além das palavras e da voz, de quem está se expressando. Primeiramente, é preciso compreender que o papel do público, aqui, difere um pouco, pois este, comumente, é apenas espectador, mas, conforme a autora Roberta D’Alva, no contexto dos *slams*

[...]É fundamental a participação coletiva e ativa de todos os presentes e, embora existam artistas que se destaquem na cena, até mesmo tornando-se celebridades e seguindo carreiras solo, como é o caso de Saul Williams, ator do premiado filme Slam (Levin, 1998), estes são considerados por muitos *slammers* como artistas que fazem spoken word, e não slam, na medida em que este último só se dá com a participação da comunidade, de outros *slammers*, sem que nenhuma das partes participantes se sobreponha à outra. (D’ALVA, 2011. p. 121)

Ao que diz respeito da performance dos poetas, manteve-se, desde o início dessa prática até os dias de hoje, a relação entre voz e corpo expressando-se como unidade para compor um estilo de apresentação que entregue ao público o impacto desejado e também ocasione nele as reações e participações citadas anteriormente, assim, a dinâmica dos *slams* segue envolvendo não apenas as palavras, mas um conjunto de ações que perpassam pela entonação da voz, postura corporal, gesticulação, intencionalidade e emoção de quem está se apresentando. É preciso considerar que com as mudanças sociais surgiram novas demandas e elas estão cada vez mais presentes nesse espaço artístico, visto que, normalmente, quem está falando opta por abordar a sua própria realidade. Nesse sentido, o sentimento causado ao público poderá ser o de identificação coletiva de pessoas que tem vivências parecidas com as que estão sendo apresentadas ou caminhará em outro sentido, muitas vezes proposital e necessário, de desacomodar e fazer refletir sobre os assuntos expressados.

Apesar de se tratar arte extremamente ligada a liberdade de expressão, ao coletivo e à coloquialidade, dentro das competições de *slam*, criaram-se regras que hoje são seguidas no mundo todo. Sobre isso, em D’Alva 2011, encontramos que

Dessa maneira, embora encontrem-se variações na forma em que os slams são realizados, na maior parte das comunidades existem três regras fundamentais que são mantidas: os poemas devem ser de autoria própria do poeta que vai apresentá-lo, devem ter no máximo três minutos e não devem ser utilizados figurinos, adereços, nem acompanhamento musical. (D'ALVA, 2011. p. 122)

Analisando as regras citadas, reforça-se a ideia de que o foco principal deve ser a mensagem que o slammer passará com a sua fala e o impacto que ela deixará nas pessoas ao redor. Isso se comprova, por exemplo, ao observarmos a última regra, referente aos adereços, que exclui qualquer possibilidade de desvio da atenção do público a outro ponto que não o próprio poeta. Ainda, a regra número dois, que aborda o tempo máximo para cada apresentação, foi inicialmente criada para dar oportunidade de mais pessoas participarem dos primeiros *poetry slams* (D'ALVA, 2011, p. 122), mas, atualmente, pode-se inferir que ela influencia diretamente na composição dos poemas apresentados, pois, dada a restrição de tempo, se faz necessária uma seleção atenta das ideias e histórias que serão expostas e também da forma cênica com a qual elas serão apresentadas, para que o intuito do poeta seja alcançado.

A primeira regra requer uma reflexão mais específica. Ao exigir que o texto apresentado seja de autoria da pessoa que irá performá-lo, juntamente com a premissa de que, na maioria das vezes, ela falará de sua realidade, cria-se uma relação discursiva de autorrepresentação (D'Alva, 2011), na medida em que o sujeito conta a sua própria história através das suas palavras. Nesse momento, o *slam* materializa a importância que carrega a arte como forma de expressão e exemplifica como ela é parte constituinte do sujeito e, por conta disso, deve ser acessível para todos.

Ainda, no que se refere às competições, o julgamento das poesias é feito por cinco jurados, escolhidos de forma aleatória a partir das pessoas presentes na plateia, considerando perfis mais diversos quanto for possível. Eles têm a missão de dar notas de 0 a 10 para as poesias apresentadas, através de plaquinhas que são levantadas individualmente e logo após o término de cada apresentação, não deixando tempo para que o júri converse entre si, objetivando captar a reação mais sincera possível de cada jurado. Enquanto isso, durante a performance, o público está em contato com o poeta e, muitas vezes, se manifesta por meio de intervenções que vão desde as palmas, a identificação com o que está sendo dito, ou até mesmo vaias, quando discordam de alguma ideia. Essa interação é buscada pelo *slammer* e se encaixa na relação de coletividade, citada anteriormente.

O slam é feito pelas e para as pessoas. Pessoas que, apropriando-se de um lugar que é seu por direito, comparecem em frente a um microfone para dizer quem são, de onde vieram e qual o mundo em que acreditam (ou não). (D'ALVA, 2011. p. 125)

Portanto, entende-se, através desse percurso histórico, que o *slam*, desde seu surgimento, se constrói com um espaço democrático e de liberdade de expressão. Através dele, muitos indivíduos encontram um lugar de fala e escuta na sociedade, exercitando o diálogo entre as diferenças (D'Alva, 2011) e evidenciando discussões e reflexões pertinentes sobre suas realidades, ocupando, assim, um espaço que deve ser seu.

3.2. A influência do *Slam* nas comunidades periféricas do Brasil

No Brasil, o primeiro *poetry slam* acontece na cidade de São Paulo e foi fundado por Roberta Estrela D'Alva, já citada neste trabalho, no ano de 2008. A *slammer* cria o ZAP! *slam* (Zona Autônoma da Palavra), que acontece no bairro de Pompeia e reúne, desde o seu início, poetas e outros interessados por poesia de vários lugares de São Paulo. O ZAP! *slam* é marcado por integrar pessoas de diferentes idades e estilos, que juntos celebravam a poesia falada toda a segunda quinta-feira de cada mês.

A diferença de estilos, discursos, idades é característica marcante, e numa noite podem-se ter, juntos, disputando o mesmo slam, estudantes adolescentes, professores, atores, profissionais liberais, MCs, jornalistas, donas de casa, dançarinos, vendedores ambulantes, todos reunidos em torno de um único microfone, fazendo uso da liberdade de expressão de suas ideias (o que nem sempre foi possível num país onde houve ditadura militar como o Brasil – nunca é demais lembrar). (D'ALVA, 2011. p. 125)

Essa diversidade de público, evidencia uma forte característica desta expressão artística que esteve presente desde o seu surgimento, em Chicago (EUA), e se ampliou em terras nacionais: o *slam* é um espaço inclusivo. Por conta desta qualidade, esses encontros se tornam espaço de debate, no momento em que ideias ou sentimentos divergem, e de acolhimento quando há identificação entre quem está com microfone na mão e a comunidade.

Dessa maneira, desde 2008 até hoje, muitos outros *slams* surgiram pelo Brasil e ganharam visibilidade, sempre acontecendo em espaços públicos, afastados das regiões centrais e restritas, localizando-se nas ruas, de forma gratuita, principalmente nas

comunidades periféricas (MIRANDA, RIBEIRO, 2020. p. 66), com o mesmo objetivo com o qual foi criado: democratizar a poesia e dar voz a pessoas diversas.

Analisando o percurso histórico do *poetry slam* desde o seu surgimento no Brasil, pode-se observar que ele foi acolhido pelas pessoas que tinham menores possibilidades de acessar espaços culturais elitizados, em sua maioria moradores das periferias brasileiras. A partir daí, o *slam* foi apropriado como uma forma de arte que funciona, dentre outros objetivos, como ferramenta de resistência dessas comunidades, visto que dessa maneira eles conseguiriam debater, expor e, muitas vezes, denunciar as suas realidades, através da poesia. Nesse sentido, aparece, aqui, a autorrepresentação já mencionada, pois temos sujeitos contando as suas histórias através do seu próprio olhar.

No que diz respeito às temáticas encontradas com frequência nos *slams* brasileiros, existe uma forte ligação a causas sociais, como feminismo, empoderamento feminino, racismo e visibilidade negras, direitos das pessoas com deficiência, entre outros, e também às temáticas relacionadas à sexualidade e discussão de gênero, bem como pautas do público LGBTQIA+. Como exemplo de grupos que organizam batalhas nessas temáticas, pode-se citar o *Slam* das Minas, criando em São Paulo, onde apenas mulheres participam das batalhas, tendo um espaço seguro para falar de suas vivências, medos, angústias e dificuldades enfrentadas no dia a dia. Ali diversas mulheres se expressam livremente e transformam suas realidades em poesia. Ainda, é possível citar vários outros exemplos, como o *Slam* do corpo, composto por pessoas surdas, ouvinte e intérpretes, e o *Slam* negritude, que realiza batalhas afrocentradas, trazendo reflexões e pautas relacionadas ao combate do racismo.

Além disso, mesmo que comumente as práticas de *poetry slam* estejam conectadas às pautas sociais, é válido ressaltar que existem outros grupos fazendo batalhas sobre outros assuntos, como o caso do *Slam* chamego, por exemplo, que dedica seus encontros a poemas que falam sobre amor e relacionamentos.

Os exemplos vistos aqui ressaltam que, independente da temática ou viés do *slam*, o fator mais importante é a comunidade que está envolvida nessa prática, bem como a relação de pertencimento que une os participantes das batalhas, seja como poetas ou como público. Parece haver nesse espaço coletivo a possibilidade de falar e ser ouvido, que muitas vezes é retirada das pessoas menos privilegiadas e marginalizadas pelo sistema político e pela elite, que detêm maior poder e, por consequência, ocupa maiores espaços sociais e culturais no Brasil. De maneira semelhante a sua origem, em terras nacionais, o *slam* é um ato de resistência e união social que se expande cada vez mais e que demonstra não apenas a posição de um indivíduo, mas de toda a comunidade com vivências parecidas com as dele.

4. PERTENCIMENTO: O *SLAM* COMO MECANISMO DE IDENTIFICAÇÃO COLETIVA NA SALA DE AULA

Pensando na importância que a vida escolar tem na formação do sujeito e na relação de coletividade que deve ser estabelecida nesse espaço, o *slam* parece funcionar, dentro e fora da aula de língua portuguesa, como ferramenta que possibilita aos estudantes compreenderem a importância que carregam as suas vivências e refletir sobre qual lugar eles ocupam dentro da coletividade, no âmbito escolar e social, fazendo-os, assim, autores de suas próprias histórias.

Considerando as discussões apresentadas até aqui sobre o ensino de língua portuguesa, norteado pelos documentos orientadores, PCNs e BNCC, juntamente com a ideia de que o *poetry slam* é uma forma de expressão potente para que os sujeitos sintam-se pertencentes a um coletivo e possam contar suas histórias, é que me proponho pensar sobre como abordar, então, este gênero discursivo na sala de aula, fazendo um recorte específico e focalizando estudantes de uma escola pública, localizada na periferia da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

4.1. A didatização do *Slam* para aula de língua portuguesa

Considerando que a leitura e a escrita são mecanismos importantes para participação dos indivíduos na sociedade e que elas se relacionam de forma diferente dependendo do contexto e da prática discursiva apresentada (SOUZA E COSSON, 2013), o conceito de *letramento* entra em cena, evidenciando que “letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais” (SOARES, 2014, p. 72). Diante disso, é compreensível que uma pessoa possa ter boa desenvoltura em determinadas situações discursivas, pois teve o embasamento necessário para tal, relacionado a escrita, leitura ou a outros aspectos sociais, mas em outros contextos a mesma não terá tanta facilidade. É possível que uma pessoa compreenda muito bem uma poesia que se encontra dentro das

páginas de um livro, mas não perceba a relação poética existente em uma batalha de *slam*, por exemplo. Tratando-se do *poetry slam*, o sujeito, além de necessitar do letramento específico para aquela prática social, no que diz respeito a sua bagagem de vida e valores sociais que permeiam aquele espaço, precisa trabalhar com a habilidade de articulação entre palavra e expressão, pois, embora as poesias apresentadas nas batalhas possam ser escritas previamente, no momento da apresentação não serão disponibilizadas para o público e menos ainda para o *slammer*. Por conta disso, o conceito inicial de letramento talvez não contemple totalmente essa prática discursiva, visto que múltiplas linguagens são mobilizadas ali. Então, observemos a definição de Rojo e Moura (2012) para multiletramentos:

aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossa sociedade, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das produções e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO; MOURA, 2012, p. 13)

Nesse sentido, entende-se aqui que o conceito de multiletramentos da conta de outros aspectos referentes a constituição de textos, que vão além de apenas ter ou não a habilidade de decifrar códigos, pois dentro desse conceito está presente também a maneira como esses códigos serão apresentados, e a noção de que, a depender da forma, o entendimento será modificado. Partindo, então, dessa concepção, e visando a didatizar o *poetry slam*, compreende-se que ele se constitui como um texto com características multifacetadas, trazendo em sua essência arranjos, mensagens e imagens muito específicas, que não estão ligados estritamente à escrita, pois atuam em outros planos de sentido e expressão.

Ao trabalharmos com letramento, ou multiletramentos, na sala de aula é preciso tomarmos cuidado para que o texto, seja ele literário ou de outra natureza, não acabe se tornando apenas um objeto do qual serão extraídos trechos, frases ou palavras, apenas visando a análise linguística solta e descontextualizada. Pensando nisso, é preciso que o tratemos como ponto de partida para as reflexões que pretendemos propor na sala de aula e, a partir disso, analisar quais recursos linguísticos, gramaticais e semióticos, serão necessários aos estudantes para que eles tenham acesso aquela discussão. No caso específico do *slam* também será necessário um embasamento literário, por se tratar de uma forma poética que carrega consigo características específicas desse gênero. Portanto, para trabalharmos com *poetry slam* no ambiente escolar, precisamos compreender que ele perpassará por “muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e

produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar” (ROJO, MOURA; 2012 p. 19).

Além disso, a relação entre escola e letramento enfrenta muitos desafios no que diz respeito a tentativa de contemplar os estudantes, pois, em grande parte das instituições, os saberes prévios dos alunos são ignorados, bem como suas manifestações culturais e sociais que se desencontram com as regras ou interpretações esperadas para aquele espaço de escolarização. Isso acaba por afastar aqueles que deveriam ser os protagonistas na escola: os próprios estudantes. Para que esse cenário seja alterado, é preciso ampliarmos nossos repertórios, enquanto docentes e sujeitos sociais, e darmos lugar a novas manifestações que vão surgindo das demandas dos alunos. Aqui engloba-se também, e arrisco dizer que principalmente, a oralidade, pois ela é parte importante nas práticas discursivas.

Por fim, cabe afirmar que a escola se constitui como um espaço de diferenças, pois ali convivem juntas pessoas que mesmo tendo, em alguns casos, realidades semelhantes, se constituem como sujeitos únicos e diferentes entre si. A partir daí, proporcionar o contato com um movimento que se firmou na diversidade, como é caso aqui, se faz de grande importância para refletir sobre essas pluralidades, que juntas foram o coletivo. Ainda, pautado no compromisso que o ensino de língua deve ter com a aproximação entre os conteúdos didáticos e as realidades dos estudantes, o *poetry slam* exemplifica na sala de aula de língua portuguesa que o objetivo ali é o uso da língua e a sua apropriação em diferentes contextos, distanciando-se do estigma de que alguns discursos, normalmente advindos da oralidade e de grupos marginalizados, são menos válidos no âmbito escolar. Levar essas práticas para a escola é uma forma de mostrar aos estudantes que as vozes dos seus grupos sociais são ouvidas e devem estar dentro dos seus processos de escolarização.

4.2. Proposta de unidade didática: o *slam* e o pertencimento

Com o objetivo de ilustrar uma das possíveis formas de uso do *poetry slam* para o ensino de língua portuguesa, aqui, proponho um projeto de ensino e discuto uma unidade didática possível de ser levada à sala de aula. A proposta didática apresentada visa a reflexão docente sobre como pode ser proveitoso, para os estudantes e para os professores, o uso de manifestações orais, artísticas, bem como a discussão de pautas sociais para dentro da disciplina de língua portuguesa.

Esse projeto foi pensado para os anos finais do ensino fundamental II, mais especificamente para uma turma de 9º ano de uma escola estadual localizada na periferia da

cidade de Porto Alegre. Apesar dessa idealização, são totalmente cabíveis adaptações para se trabalhar a mesma ideia de projeto em outras etapas do ensino fundamental II ou, até mesmo, no ensino médio, basta que os conteúdos e assuntos sejam redirecionados.

Em primeiro plano, é interessante observar que o ensino por meio de projetos se relaciona diretamente aos objetivos propostos no documento orientador atual da educação no Brasil, a BNCC, visto que, como já vimos aqui, o compromisso no ambiente escolar deve ser com os estudantes e os conteúdos trabalhados devem conversar com as realidades ali presentes. Dessa forma, ter uma prática docente que se organize através de projetos entende que “um projeto pedagógico é uma proposta de produção conjunta da turma em relação ao tema selecionado” Schlatter e Garcez (2012, p. 90) e também significa saber que não existirão fórmulas ou passos a serem seguidos (HERNÁNDEZ, 2004, p. 3) para os planejamentos de aula, pois essa ação objetiva colocar o aluno como foco do processo de aprendizagem, buscando entender as suas demandas, que serão diferentes de acordo com cada turma apresentada.

Ainda, para que o projeto caminhe na direção pretendida é preciso estabelecer com a turma, desde o início do processo de aprendizagem, os objetivos a serem alcançados durante o desenvolvimento das atividades, evidenciando que eles poderão ser diferentes do imaginado, mas que serão importantes para o aprendizado de cada um. Dessa forma, na proposta didática apresentada neste trabalho, as atividades serão pensadas para trabalhar o sentimento de pertencimento dos estudantes com relação à escola em que estão e à coletividade da qual participam, transitando, assim, entre temas relacionados a posição social ocupada por eles, aos saberes prévios construídos a partir de suas vivências pessoais e coletivas e como isso tem influência no espaço escolar.

O tempo planejado para que o projeto seja desenvolvido por completo e de forma efetivada é de cerca de um mês, considerando o contexto de uma turma em que haja cinco períodos destinados à disciplina de língua portuguesa por semana, cada um deles com duração de cinquenta minutos. É preciso salientar, contudo, que o tempo destinado às tarefas e discussões poderá variar conforme as turmas nas quais ele for implementado.

Dado que o contexto de aplicação esperado é o da escola pública e periférica na cidade de Porto Alegre, o primeiro grupo escolhido para iniciar as discussões foi o *Slam Peleia*, que foi criado no ano de 2017 e um dos primeiros grupos a realizar batalhas de poesia falada no Rio Grande do Sul. Abaixo estão as primeiras atividades pensadas dentro da sequência didática elaborada:

Vamos falar de Slam?

PARA INÍCIO DE CONVERSA: O QUE É SLAM?

Você já ouviu falar em slam? Caso a sua resposta seja afirmativa, conte como foi a sua experiência?

Se para você essa é uma palavra desconhecida, qual é o seu palpite sobre o que pode ser slam?

(FONTE: Elaborado pela autora, 2023)

A tarefa acima foi pensada para que os estudantes tenham o primeiro contato com o *poetry slam*. Nesta atividade, denominada *Para início de conversa: o que é slam?*, propõe-se a ideia de mapear o conhecimento prévio dos alunos acerca da temática proposta. Essa tarefa funciona como um exercício de pré-leitura que antecede o primeiro poema selecionado para a sequência didática. Segundo Schlatter (2009), é preciso que pensemos sobre

quais conhecimentos prévios o aluno precisa acessar para poder ler (informações, vocabulário, relações, pressupostos, etc.)? Através de quais atividades esses conhecimentos serão ativados? Ou, caso ele não os tenha, quais atividades poderão introduzi-los? SCHLATTER (2009, p. 15)

Ainda, a segunda parte da pergunta inicial destina-se a fazer com que os estudantes criem hipóteses sobre o que irão estudar, considerando que, possivelmente, muitos deles não tenham conhecimento do que é um *poetry slam*. Nos casos em que os estudantes já sabem o que é um *slam*, o questionamento proposto funcionará para impulsionar e iniciar discussão com a turma, partindo das respostas existentes.

A partir daí, passamos para a segunda parte do contato inicial, destinada ao trabalho com um dos poemas apresentados por Cristal Rocha, na 15ª edição do Slam Peleia, realizado em 2018, na cidade de Porto Alegre. No primeiro momento, os estudantes terão acesso apenas ao poema transcrito ¹para poderem registrar suas primeiras impressões e

¹ A transcrição do poema foi feita a partir do vídeo em que Cristal Rocha apresenta o seu *slam* na batalha de 2018, do *Slam Peleia*. A divisão de versos se deu a partir das pausas feitas pela poeta no momento em que estava falando. O recurso da transcrição foi utilizado porque o texto de Cristal não foi encontrado na íntegra para o uso.

interpretações sem o auxílio da imagem da *slammer* durante a competição. A escolha deste *poetry slam* foi feita pensando que o assunto faz parte da vida de muitos dos alunos que frequentam o 9º, visto que nessa faixa etária, entre 15 e 16 anos, alguns adolescentes estão construindo suas relações amorosas ou, pelo menos, estão refletindo sobre essas questões. Dessa forma, é interessante iniciar o projeto, considerando a ideia de pertencimento, com um assunto que é de conhecimento dos estudantes. Abaixo encontra-se o poema transcrito que deve ser entregue à turma.

SLAM PELEIA 15ª EDIÇÃO
29/06/2018
SLAMMER: CRISTAL ROCHA

QUERIA MANDAR UNS VERSOS DO CHAMEGO
MAS FALTOU INSPIRAÇÃO
PEGUEI A CANETA E RABISQUEI UNS VERSINHOS MEIO
FALHADOS
NÃO ADIANTA, QUANDO FALO DE SENTIMENTO SEMPRE SAI MEIO
ZOADO
"OH FILHA... TU TÁ NO SLAM CHAMEGO, SENTE O CLIMA"
MÃE, FALAR DE AMOR É MÓ DAHORA, SÓ QUE ESSES BOYS ME
IRRITA
FACILITA,
VISUALIZA,
RESPONDE NA HORA É PEDIR DEMAIS?
UM CARINHA QUE TE APOIA NAS CRISES EXISTENCIAIS?
QUE DISCUTA ASSUNTOS SOCIAIS
QUE TOPO DANÇAR AFU SEM NENHUM PUDOR
QUE ESTEJA ABERTO PARA FALAR E ME OUVIR FALAR DE AMOR
QUE APROVEITE CADA INSTANTE DO PRESENTE
E NÃO PERDE-LO PENSANDO NO FUTURO
E QUANDO DERMOS UNS VACIOS, POSSAMOS APRENDER
JUNTOS
QUE ESCUTE AQUELE SOM, POW! QUE SAIU NAQUELE DIA
QUE MESMO QUANDO ESTIVERMOS DISTANTES ME FAÇA
COMPANHIA
QUE A CADA NOVO DIA TROQUE EXPERIÊNCIAS
ME CONTAR DAS TUAS FESTINHAS?
NÃO... ME CONTA AS TUAS VIVÊNCIAS
CARÊNCIAS, CICATRIZES
ME FALA DAS TUAS RAÍZES
ME CONTA O QUE TEM TE FRUSTRADO
FALA DO FARDO QUE TEM CARREGADO
ME CONTA TEUS ERROS, TUAS FRAQUEZAS
E ASSIM EM TI EU VOU ENXERGAR
A MAIS SINGULAR BELEZA
ME IMPRESSIONAR QUE ANDA NOS ROLE TOP
UMAS BLUSINHAS DA ROLA, UNS TENISÃO
BELEZA, NOS ADORAMOS UM ESTILO,
MAS O QUE VOCÊ TEM LIDO?
ISSO QUE ME DÁ TÊSÃO
VAMOS FALAR DO X DE MALCON
DOS DISCURSOS DE MARTIN
ME PERGUNTA O QUE EU TENHO FEITO PRA VIVER
EU VOU TE RESPONDER
ARTE!

ME FALA DO TEU DIA MESMO QUE ELE TENHA SIDO UM
TÉDIO
QUEM SABE NOSSA CONVERSA POSSA SER O PRÓPRIO
REMÉDIO
PARA ESSAS FASES TÃO ALTOMÁTICAS
E DESLIZES DE TEMPO
QUE POSSAMOS COMO EM CAMERA LENTA
ADMIRAR CADA MOMENTO
"OH AS IDEIAS DA CRISTAL... ELA NEM TEM IDADE"
MAS É DIFÍCIL SER REAL, NÉSSA REALIDADE
PROCURO CONVERSAS E SORRISOS,
PROCURO GENTE DE VERDADE
MAS ME ASSUSTA
QUANDO CONVERSAR COM A ALMA ME PARECE RARIDADE
MAS, QUEM SOU EU PRA FALAR DE AMOR?
A MAIS NOVA...
MAIS NOVA SENSIBILIDADE QUE ME DESPERTOU
PARA O AGORA
AFINAL, FOI GISELE QUE ME ENSINOU
QUE A GLÓRIA É MAIS SABOROSA QUANDO SE TEM EMOÇÃO
E A PALAVRA EMOS... SÃO TÃO SENTIMENTAIS
ME COMPARANDO AGORA, ACHO QUE SOMOS TÃO IGUAIS
E SE NÃO TIVER FINAIS FELIZES PARA AS HISTÓRIAS QUE
VOU TRAÇAR
QUE SEJAM, PELO MENOS, BASEADAS EM FATOS REAIS
SOFRER POR CRUSH? DÁ LICENÇA
OLHA PARA MINHA CARA
MENTIRA...
TAVA ESCRREVENDO ISSO TIPO "VAI QUE NINGUÉM REPARA"
TIPO UNS "POW!" NO MEU PEITO
CREDO! COMO EU FICO CHATA!
SORRISO BOBO COM OS OLHOS VIDRADOS NA MADRUGADA
O EGO INFLA, O CORAÇÃO PARA
PARA REPARAR ENQUANTO A GENTE SE ENCARA
GISA TAMBÉM ME ENSINOU A AMAR
E EU TE DIGO
QUANDO MINHA FONTE SECAR
EU INSISTO
EM ME FAZER DE REDENÇÃO SE FOR PRECISO
E SE AS DORES VIEREM ME AQUIETAR
EU RESISTO
É QUE EU NUNCA FUI DE ME APAIXONAR,
MAS EU MINTO
ENTÃO PARA ESCONDER A SOLIDÃO
EU RECITO

LOCAL: VIADUTO DO BROOKLYN - PORTO ALEGRE/RS

acessado em 03/08/2023
https://www.youtube.com/watch?v=JT_EwH94ems&t=23s

(FONTE: Transcrito e elaborado pela autora, 2023)

Após a leitura do poema, os alunos são convidados a imaginar como é a pessoa que o escreveu. Nesse momento é esperado que as respostas englobem características físicas e de personalidade, mas, principalmente, objetiva-se que existam reflexões acerca do lugar social que a autora ocupa. É importante salientar que essas tarefas, apesar de serem respondidas de forma escrita, devem ser discutidas oralmente com a turma. Desse modo, caso as respostas não contenham tantas informações, é possível, e recomendável, tensionar os estudantes rumo a conclusões que perpassem pelos aspectos sociais desejados, como, por exemplo, questioná-los se a autora poderia ter uma idade parecida com deles, caso isso não tenha aparecido nas respostas lidas pela turma, e também se eles acham que ela poderia viver em uma comunidade semelhantes a que eles moram.

A questão número dois direciona a discussão para o ponto-chave do trabalho com *poetry slam*, pois o ambiente em que ele acontece é a sua marca mais específica. Tendo em vista que no texto existem construções comumente usadas na oralidade, a última questão desta tarefa foi pensada para que os estudantes possam refletir sobre como a linguagem pode funcionar no contexto desta poesia e do *slam* como um todo. É possível, por exemplo, frisar estruturas como: “*oh as ideias*” e “*que topo dançar afu*” na discussão, convidando os alunos a analisarem em que prováveis espaços essas características seriam melhor aceitas. Entretanto, antes da discussão oral, é plausível que nas respostas os estudantes mencionem que o poema apresentado encontra-se em um livro, por exemplo, visto que no ambiente escolar trabalha-se muito mais com poesias escritas, que se encontram nos livros didáticos e nas bibliotecas escolares.

Abaixo encontra-se a atividade como será apresentada aos alunos.

Vamos falar de Slam?

A PARTIR DA LEITURA REALIZADA, REFLITA SOBRE AS QUESTÕES ABAIXO:

1. Como você imagina que seja a autora deste poema? Descreva como você a imaginou e explique o porquê.
2. Em qual espaço, físico ou digital, você acredita que esse poema foi apresentado? Justifique sua resposta.
3. – Que marcas da oralidade você identifica no poema? Por quê? Sublinhe no poema essas marcas.

(FONTE: Elaborado pela autora, 2023)

Realizadas as discussões, será passado aos alunos o vídeo² em que Cristal Rocha³ apresenta-se no Slam Peleia e, em seguida, será realizada, brevemente, uma fala sobre a trajetória da *slammer*, para eles conheçam um pouco de sua história. Posteriormente, os estudantes serão convidados a responder às perguntas abaixo, visando analisar se as idealizações levantadas pela turma condizem com a *slammer* que escreveu e recebeu o poema.

² Participação de Cristal Rocha na 15ª edição do Slam Peleia, em 2018, está disponível em https://www.youtube.com/watch?v=JT_EwH94ems

³ Entrevista com Cristal Rocha

<https://www.matinaljornalismo.com.br/rogerlerina/musica/falero-entrevista-cristal/>

Agora, assistiremos o vídeo em que Cristal Rocha, a autora do poema, apresenta-o. Após visualizarmos, pensem no seguinte:

1. A imagem que você construiu da autora antes de assistir ao vídeo se aproximou da realidade? Quais foram as diferenças e as semelhanças?
2. O que pode-se observar do espaço físico em que a poesia foi apresentada? Como ele era?
3. Algo chamou a sua atenção na apresentação?
4. Na sua opinião, ouvir a poesia causou uma interpretação diferente da que você teve apenas tendo contato com o texto? Explique o seu ponto de vista.



(FONTE: Elaborado pela autora, 2023)

Ressaltando que serão expostas neste trabalho atividades referentes às duas primeiras aulas do projeto idealizado, após a tarefa acima o fechamento do primeiro encontro se dará com a apresentação de outro vídeo⁴. Nele, alguns *slammers* do Slam Peleia compartilham suas definições acerca do que significa essa expressão artística, explicando como ela é importante no cotidiano de todos que estão ali e deixando um convite para que mais pessoas participem dos encontros de *slam*. Então, após a exibição, é preciso existir um debate, **organizado, inicialmente, em pequenos grupos de estudantes e depois entre a turma toda**, em fique claro que o *poetry slam* é uma expressão artística que abrange várias vozes. Para auxiliar a conversa, é possível que o educador realize perguntas como:

- As pessoas que aparecem no vídeo, os *slammers*, possuíam todas as mesmas características físicas? Como elas eram?
- Em que espaço foi produzido o vídeo? Em um estúdio ou em ruas da cidade?
- Por que as pessoas definiram *Slam* de formas diferentes, sendo que elas estavam falando sobre o mesmo assunto?
- Você já participou de uma batalha de slam? Como foi?
- Que outras apresentações culturais são parecidas com o slam na sua opinião?

⁴ O vídeo do Slam Peleia que foi apresentado aos estudantes encontra-se disponível em <https://www.instagram.com/reel/CoYCBjVD8ej>

Nesse momento, todas as perguntas que apontem para a noção de coletividade e comunidade latente no *slam* são bem-vindas e acrescentarão positivamente à discussão. Por fim, essa proposta virá seguida do convite aos estudantes para seguirem neste projeto, cujo produto final será a elaboração de um *poetry slam* autoral, mas que converse com as vivências deles em relação à comunidade à qual pertencem e também à escola.

Dando continuação à sequência didática, na segunda aula será exibido o vídeo⁵ do *slammer* Deds, apresentado na 9ª edição do Slam Peleia, que aconteceu no ano de 2017. Nesse *slam*, o poeta expressa-se sobre diversas situações vivenciadas por jovens da periferia e aborda assuntos como o descaso governamental em relação ao tráfico de drogas, a violência nas comunidades e a necessidade de utilizar a poesia com forma de resistir a tudo isso. Diferentemente da aula anterior, nesta apenas será trabalhada a forma audiovisual do *poetry slam*, pois o objetivo é que os estudantes observem e compreendam as particularidades que esse gênero exige, referentes ao espaço físico, às construções linguísticas e ao senso de coletividade presente naquele ambiente. Ainda, na sequência do vídeo, os estudantes conhecerão, mediante a uma breve fala, um pouco da história de Deds⁶ de modo a relacionarem o conteúdo do poema à pessoa que o escreveu e apresentou.

Em sequência, está a atividade planejada para ser entregue à turma após a exibição do vídeo. É preciso considerar que para ser possível a realização adequada das tarefas, o vídeo deverá ser assistido pelos alunos mais de uma vez.

⁵ O vídeo da apresentação de Deds está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nr7nugtJnUw>

⁶ Para conhecer um pouco da trajetória de Felipe Deds <http://diariogaicho.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2022/07/coletivo-poetas-vivos-leva-sua-art-e-a-escolas-universidades-e-bares-da-capital-23251231>



QUE VOZES SÃO ESSAS?

1. No vídeo que assistimos o slammer Deds conta um pouco de sua realidade através da poesia. Partindo do conteúdo apresentado, como você descreveria a comunidade em que o poeta vive? Em alguma medida essa comunidade é semelhante à sua?
2. O espaço físico em que acontecem os encontros de slam é muito importante dentro desta prática. Observe novamente o vídeo, caso seja necessário, e comente como é o lugar em que o poema se encontra.
3. A linguagem é instrumento de expressão importante e por isso existem formas diferentes de utilizá-la conforme o ambiente em que nos encontramos. Pensando nisso, quais as características da linguagem usada no slam apresentado? Exemplifique e explique sua resposta.
4. Você diria que a linguagem usada no vídeo é semelhante a que você e seus colegas usam no dia a dia? Justifique sua resposta.
5. Outro fator muito importante na prática do slam é o uso de rimas dentro dos poemas. No vídeo assistido, você percebeu os momentos em que o poeta utilizou esse recurso? Se possível, cite um exemplo.

(FONTE: Elaborado pela autora, 2023)

Nesse momento, propõe-se aproximar mais os estudantes do assunto principal do projeto. Para isso, na pergunta de número um os alunos são convidados a refletir sobre o conteúdo principal da poesia apresentada por Deds, a fim de identificar que o lugar de onde ele fala e relata suas experiências assemelha-se ao cotidiano vivenciado por boa parte dos estudantes da turma.

A pergunta seguinte foi construída para chamar a atenção dos alunos, novamente, para o espaço físico em que acontecem as batalhas de *slam*. Deseja-se, aqui, que a relação do público com o poeta apareça nas respostas da turma e também que seja observado que a rua é, outra vez, o espaço de apresentação.

Nas questões três e quatro entram em cena a análise linguística necessária ao gênero discursivo proposto. A questão número três tensiona uma reflexão sobre linguagem coloquial e linguagem formal, indagando possibilidades do porquê os grupos de *slam* trazem aquele vocabulário e qual efeito de sentido causa ao ouvinte/público essa linguagem coloquial. Já a questão número quatro objetiva que os estudantes reflitam sobre suas próprias formas de usar a linguagem e entendam que, a depender do contexto e do propósito, essas maneiras de expressão são bem aceitas. Nesse momento, caberá a conversa sobre que todas as formas linguísticas são válidas e que não deve existir juízo de valor sobre esse aspecto, pois existem diversas formas de comunicar.

Por fim, a última tarefa refere-se a uma característica estrutural da poesia e, portanto, do *poetry slam*: as rimas. Esse deve ser um assunto abordado durante o projeto, por isso, neste momento, cabe definir, brevemente, o que é do que se trata esse recurso e para que os estudantes entendam o funcionamento das rimas é preciso que eles compreendam que elas ocorrem por repetição ou aproximação de sons em palavras distintas, que juntas formam o efeito desejado por quem está falando ou escrevendo. Ao final desta aula, quando forem debatidas as questões, é possível sintetizar com os estudantes a definição apresentada.

Após essas atividades, a sequência do projeto caminhará pelo rumo já traçado aqui, visando o entendimento de que as culturas que, supostamente, estão fora do ambiente escolar devem ser acolhidas e fazer parte dele, pois são a elas que pertencem muitos estudantes das escolas públicas brasileiras. Como já mencionado anteriormente, o produto final deste trabalho será a elaboração de um *poetry slam* por parte dos estudantes, os quais serão convidados a realizar, com a ajuda docente e escolar, uma batalha de *slam* na escola. Para isso, será necessário que os estudantes, mesmo elaborando individualmente sua poesia, organizem-se em dois grandes grupos na sala de aula, para ser possível a realização da batalha de *poetry slam* na escola. Tendo em vista essa proposta, a atividade abaixo

proporciona um primeiro levantamento de ideias, para que os alunos delimitem por qual caminho seguirão, visto que a temática do projeto é bastante ampla, considerando que ele aborda as relações interpessoais e coletivas dentro da comunidade onde eles vivem e também no espaço escolar.

Organizando as ideias

PARA PODER EXPRESSAR DA MELHOR FORMA POSSÍVEL AS SUAS IDEIAS, É NECESSÁRIO, PRIMEIRAMENTE, ESTABELECE O ASSUNTO PRINCIPAL DO SEU POEMA. PENSANDO NISSO, RESPONDA ÀS QUESTÕES ABAIXO CONSIDERANDO QUE O PRÓXIMO PASSO SERÁ A ESCRITA DO SEU PRÓPRIO SLAM.

- Convido você a refletir sobre as suas vivências na comunidade a qual você pertence, seja dentro ou fora da escola. A partir disso, se questione: sobre qual assunto, relacionado a esses espaços e as suas experiências, você gostaria de falar?
- Esse assunto é ligado à alguma questão social que afeta a sua vida?
- Após a escolha, pense: o tema escolhido é abordado na escola ou na sua comunidade? Tente justificar a sua resposta, seja ela positiva ou negativa.
- Você acredita que essa questão é algo que atinge a maioria das pessoas com idades e vidas parecidas com a sua?
- Agora, pense que você terá espaço para falar sobre isso na escola: por onde você começaria conversar sobre o assunto? E como continuaria a discussão?
- Considere que outros estudantes também estarão presentes ouvindo a sua reflexão, como você pode passar a sua mensagem para que eles também se sintam representados e percebam que vocês tem pensamentos parecidos?

(FONTE: Elaborado pela autora, 2023)

Na sequência das atividades acima, a primeira versão dos poemas passará pela revisão do docente, e serão feitas sugestões de reescrita destes textos, que retornarão aos estudantes. Dessa maneira, os alunos poderão observar quais aspectos estruturais podem ser aperfeiçoados, visto que o momento inicial de escrita ainda pode ser um pouco complexo.

Após serem escritas as versões finais dos poemas, os estudantes os apresentarão para a turma, com o objetivo de ter uma primeira experiência com a exposição do seu *slam*. Esse momento também facilitará o próximo passo, visto que, em sequência, os estudantes deverão se reunir em grupos, a serem escolhidos por eles mesmos. Essa divisão deve ser feita baseada nas narrativas que foram surgindo nas poesias apresentadas pelos colegas, e na forma com as histórias possuem proximidades umas com as outras. Por exemplo, se um aluno escreve sobre algum problema que ele enfrentou, no âmbito pessoal, na escola nos últimos anos, e outro aluno aborda um aspecto parecido, como bullying ou discriminação no espaço escolar, eles poderão fazer parte de um mesmo grupo. Ou, ainda, se um estudante fala sobre desilusões amorosas, e o outro menciona um relacionamento que ele vive, eles podem criar um segundo grupo. Em seguida, após se dividirem, os estudantes deverão nomear, coletivamente, o seu grupo de *slam*, para poder ser organizada a batalha. A escolha do nome deve se relacionar a algum aspecto para o qual o grupo gostaria de chamar a atenção. Pode-se considerar as características dos integrantes, se eles tiverem algo em comum entre si, ou então evidenciar a mensagem sobre a qual o grupo irá tratar com suas poesias, ou, até mesmo, o nome pode ter alguma relação com a comunidade onde eles vivem. Todas estas instruções estão na folha abaixo e serão entregues aos estudantes logo após a primeira apresentação do slam entre a turma.

BATALHA DE SLAM

OBSERVE AS INSTRUÇÕES ABAIXO PARA PODERMOS ORGANIZAR NOSSAS APRESENTAÇÕES.

01

ESCOLHA DOS GRUPOS

PARA QUE A BATALHA DE SLAM ACONTEÇA É PRECISO QUE A TURMA SE DIVIDA EM DOIS GRANDES GRUPOS QUE, POSTERIORMENTE, IRÃO COMPETIR. PARA ISSO, CONVERSE COM SEUS COLEGAS E VEJA QUAIS DE SUAS POESIAS TEM UMA TEMÁTICA QUE SE APROXIMA DA SUA, POIS, ASSIM, PODERÃO FAZER PARTE DO MESMO GRUPO.

02

NOMEAÇÃO DOS GRUPOS

APÓS FORMAREM UM GRUPO, É NECESSÁRIO DAR UM NOME PARA ELE. PARA ISSO, VOCÊS PODEM CONSIDERAR ALGUM DOS SEGUINTE ASPECTOS:

- SOBRE O QUE FALAM AS POESIAS DO GRUPO QUE FORMAMOS?
- COMO SÃO AS PESSOAS QUE FAZEM PARTE DELE? ELAS POSSUEM UMA CARACTERÍSTICA EM COMUM?
- QUAL MENSAGEM O GRUPO COMO UM TODO IRÁ PASSAR A PARTIR DAS POESIAS APRESENTADAS?

03

ORGANIZAÇÃO DA APRESENTAÇÃO

NO DIA DA APRESENTAÇÃO O PÚBLICO SERÁ COMPOSTO PELA COMUNIDADE ESCOLAR, JUNTAMENTE DOS FAMILIARES E AMIGOS DE VOCÊS.

É NECESSÁRIO LEMBRAR QUE VOCÊS SERÃO JULGADOS POR TRÊS JURADOS, QUE SERÃO ESCOLHIDOS DE FORMA ALEATÓRIA A PARTIR DA PLATEIA PRESENTE. PORTANTO, OBSERVE ABAIXO AS REGRAS QUE DEVEM SER CONSIDERADAS NA BATALHA E QUE SERÃO PASSADAS AO JURI NO DIA DA APRESENTAÇÃO.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

- AS POESIAS APRESENTADAS DEVEM SER AUTORAIS, CASO CONTRÁRIO O SLAMMER (POETA) SERÁ DESCLASSIFICADO;
- A APRESENTAÇÃO DO POEMA TERÁ O TEMPO MÁXIMO DE TRÊS MINUTOS;
- NÃO SÃO PERMITIDOS ADEREÇOS, COMO CELULAR OU FOLHA COM O TEXTO, NA APRESENTAÇÃO;
- OS JURADOS DARÃO NOTAS DE 1 A 10 PARA CADA POESIA APRESENTADA E, NO FINAL, RESTARÁ UM PARTICIPAM DE CADA GRUPO PARA A ÚLTIMA COMPETIÇÃO.

(FONTE: Elaborado pela autora, 2023)

A batalha de *slam* prevista neste projeto irá funcionar em um formato parecido com o das apresentações que acontecem nos campeonatos de *poetry slam* pelo mundo. Serão escolhidos três jurados, de forma aleatória, dentre o público presente, que será composto por estudantes, professores, funcionários escolares e pelos familiares e amigos dos alunos, com o objetivo de unir a escola, os educandos e a comunidade. O juri, logo após ser escolhido,

receberá uma folha com os critérios de avaliação, que serão: as poesias devem ser autorais, a apresentação terá duração máxima de três minutos para cada poeta e não serão permitidos junto aos *slammers* adereços como folha ou celular com as poesias escritas. Serão dadas notas de um a dez para cada poesia apresentada, para que, ao final, reste um integrante de cada grupo, cuja nota foi mais alta, para realizar a última batalha.

Ainda, no período que antecede a batalha, e também durante a sua realização, é preciso que o professor lembre com os estudantes que, apesar de existir um júri que dará notas, o objetivo de uma batalha de *slam* é que todos podem falar e ser ouvidos de forma respeitosa, e que este momento só será organizado neste formato para que eles vivenciem um pouco do que seria uma experiência em um campeonato de *poetry slam*.

Cabe retomar aqui que este projeto foi pensado para que os estudantes se sintam pertencentes aos espaços em que eles estão, seja na escola ou fora dela. Esta proposta visa mostrar aos alunos, e também à comunidade à qual eles pertencem, que as suas vivências, apesar de singulares, fazem parte de um todo, e que é possível encontrar acolhimento e tornar-se autor de sua própria narrativa.

A elaboração deste estudo e da proposta aqui apresentada solidificou o pensamento, alinhado às teorias aqui apresentadas, de que o ensino de língua portuguesa deve estar conectado com a realidade dos estudantes. Levar para a sala de aula manifestações como o *poetry slam* pode não ser uma tarefa simples para o professor, visto que elas demandam um olhar sensível a questões subjetivas dos estudantes e das comunidades em que eles se inserem, mas é, com certeza, um caminho necessário e possível para se pensar no trabalho com a linguagem, considerando-a dentro de seu contexto de uso real. Entendemos que ações e trabalhos neste sentido contribuem para um ensino de língua que auxilie os estudantes a ler o mundo do qual eles participam e que amplie as possibilidades de inserção deles em diversos outros espaços discursivos. Nessa perspectiva, é preciso compreender que em uma sala de aula existem diferentes indivíduos, com diferentes vivências, e estas fazem parte de quem eles são e não devem ser anuladas ou silenciadas no espaço escolar, pelo contrário, devem somar e subsidiar um ensino de qualidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sintetizar o que foi proposto aqui significa dizer que este trabalho tem compromisso com um ensino de língua portuguesa que auxilie os estudantes a ler o mundo ao qual eles pertencem. Em salas de aula repletas de diferenças, não há espaço para apenas um método de trabalho, pois existem, ali, necessidades diversas vindas de sujeitos diversos. Diante disso, é preciso que o ensino de língua e linguagem caminhe na direção em que o protagonista da aprendizagem e da própria educação seja sempre o educando.

Busquei salientar, aqui, que o percurso do ensino de língua portuguesa, que inicialmente era baseado somente na análise gramatical, tomou outros rumos e foi direcionado para a usabilidade da língua e da linguagem, considerando os vários contextos discursivos existentes. Ainda, evidenciei, que, historicamente, os documentos orientadores de ensino de língua portuguesa no Brasil, PCNs e BNCC, partem da concepção bakhtiniana de gêneros do discurso, e orientam que o ensino de língua organize-se também a partir desta teoria.

Conferindo notabilidade a um assunto, ainda hoje, pouco abordado em estudos nacionais, foi traçado um panorama histórico do *poetry slam* que, desde seu início em Chicago, teve por objetivo democratizar o acesso à poesia. Agregando cada vez mais poetas interessados, o movimento saiu das estruturas do bar de Mark Smith, primeiro a organizar um *poetry slam*, e tomou outros espaços pelo mundo. No Brasil, chega por meio de Roberta Estrela D'Alva, no ano de 2008 e, não muito tempo depois, dá voz a pessoas de comunidades periféricas que encontram na poesia uma forma de expressar as suas realidades e evidenciar as suas vivências.

Além disso, trazer para o ambiente escolar uma manifestação artística como o *slam* significa estar em compromisso com uma educação que engloba o maior número possível de subjetividades e que está preocupada em criar um ambiente palpável aos estudantes, principalmente no âmbito da escola pública, onde muitos alunos se veem nas histórias apresentadas pelos *slammers*.

Dessa maneira, este trabalho se propôs a pensar a noção de coletividade e pertencimento dos alunos aos espaços que eles ocupam na escola e na sua própria comunidade. Além disso, proporcionar a eles o entendimento de que todos têm a capacidade de expressar-se e apropriar-se da poesia, fazendo dela uma forma de expressão potente.

Por fim, espero que este estudo possa auxiliar outros docentes que, assim como eu, estão em constante aprendizagem, e que, muitas vezes, gostariam de auxiliar de forma mais

efetiva na formação social e subjetiva de seus educandos, mas se sentem perdidos. Aqui, expus algumas ideias para construirmos uma educação linguística e literária que ensine sujeitos a ler o mundo.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. Ed. HUCITEC, São Paulo, 2006.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. A sombra do caos - ensino de língua x tradição gramatical. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa (5ª a 8ª séries). Brasília: MEC/SEF, 1998a.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: educação é a base. Disponível em: www.basenacionalcomum.mec.gov.br.
- D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena. Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, Synergies Brésil, n. 9, 2011, p. 119- 126.
- GERALDI, João Wanderley. Portos de passagem. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- HERNÁNDEZ, F. Os projetos de trabalho: um mapa para navegantes em mares de incertezas. In: Projeto – Revista de Educação. 2a ed. Porto Alegre: Projeto, 2004, n. 4, jan-jun, p. 2-7.
- Marco, Kátia. SLAM cresce e se torna um novo espaço de resistência nas periferias. Brasil de fato, 2018. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2018/09/02/slam-cresce-e-se-torna-um-novo-espaco-de-resistencia-nas-periferias>>. Acessado em 05 de julho de 2023.
- MARCUSCHI, L. A. Oralidade e letramento como práticas sociais. In: MARCUSCHI, L. A. ; DIONÍSIO, A. P. (orgs). Fala e Escrita. Belo Horizontes: Autêntica, 2007, p. 33-55.
- MIRANDA, K. R. M.; RIBEIRO, J. R. V. S. Se a aula é de poesia, que tal uma experiência literária com o poetry slam?. Cadernos de Letras da UFF, v. 31, n. 61, p. 53-75, 15 dez. 2020.
- NEVES, Cynthia Agra de Brito. Slams: letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. Linha D'Água, São Paulo, v. 30, n. 2, p.92-112, out. 2017.
- SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. M. Línguas adicionais na escola: aprendizagens colaborativas em inglês. Erechim: Edelbra, 2012.
- ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (Orgs.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SCHLATTER, Margarete. O ensino de leitura em língua estrangeira na escola: uma proposta de letramento. Calidoscópico, Vol. 7, n. 1, p. 11-23, jan/abr 2009.

SCHNEUWLY, B. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (trad. e org.). Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 109-124.

SOARES, Magda. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, Marcos (Org.). Linguística da norma. São Paulo: Loyola, 2002, p. 155-177.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014

SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. São Paulo: UNESP/UNIVESP, 2013, p. 101-107. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>>

Acessado em 31 de julho de 2023.

APÊNDICE A

Vamos falar de Slam?



PARA INÍCIO DE CONVERSA: O QUE É SLAM?

Você já ouviu falar em slam? Caso a sua resposta seja afirmativa, conte como foi a sua experiência?

Se para você essa é uma palavra desconhecida, qual é o seu palpite sobre o que pode ser slam?

APÊNDICE B

SLAM PELEIA 15ª EDIÇÃO

29/06/2018

SLAMMER: CRISTAL ROCHA

QUERIA MANDAR UNS VERSOS DO CHAMEGO
MAS FALTOU INSPIRAÇÃO
PEGUEI A CANETA E RABISQUEI UNS VERSINHOS MEIO
FALHADOS
NÃO ADIANTA, QUANDO FALO DE SENTIMENTO SEMPRE SAI MEIO
ZOADO
"OH FILHA... TU TÁ NO SLAM CHAMEGO, SENTE O CLIMA"
MÃE, FALAR DE AMOR É MÓ DAHORA, SÓ QUE ESSES BOYS ME
IRRITA
FACILITA,
VISUALIZA,
RESPONDE NA HORA É PEDIR DEMAIS?
UM CARINHA QUE TE APOIA NAS CRISES EXISTENCIAIS?
QUE DISCUTA ASSUNTOS SOCIAIS
QUE TOPO DANÇAR AFU SEM NENHUM PUDOR
QUE ESTEJA ABERTO PARA FALAR E ME OUVIR FALAR DE AMOR
QUE APROVEITE CADA INSTANTE DO PRESENTE
E NÃO PERDE-LO PENSANDO NO FUTURO
E QUANDO DERMOS UNS VACIOS, POSSAMOS APRENDER
JUNTOS
QUE ESCUTE AQUELE SOM, POW! QUE SAIU NAQUELE DIA
QUE MESMO QUANDO ESTIVERMOS DISTANTES ME FAÇA
COMPANHIA
QUE A CADA NOVO DIA TROQUE EXPERIÊNCIAS
ME CONTAR DAS TUAS FESTINHAS?
NÃO... ME CONTA AS TUAS VIVÊNCIAS
CARÊNCIAS, CICATRIZES
ME FALA DAS TUAS RAÍZES
ME CONTA O QUE TEM TE FRUSTRADO
FALA DO FARDO QUE TEM CARREGADO
ME CONTA TEUS ERROS, TUAS FRAQUEZAS
E ASSIM EM TI EU VOU ENXERGAR
A MAIS SINGULAR BELEZA
ME IMPRESSIONAR QUE ANDA NOS ROLE TOP
UMAS BLUSINHAS DA ROLA, UNS TENISÃO
BELEZA, NOS ADORAMOS UM ESTILO,
MAS O QUE VOCÊ TEM LIDO?
ISSO QUE ME DÁ TESÃO
VAMOS FALAR DO X DE MALCON
DOS DISCURSOS DE MARTIN
ME PERGUNTA O QUE EU TENHO FEITO PRA VIVER
EU VOU TE RESPONDER
ARTE!

ME FALA DO TEU DIA MESMO QUE ELE TENHA SIDO UM
TÉDIO
QUEM SABE NOSSA CONVERSA POSSA SER O PRÓPRIO
REMÉDIO
PARA ESSAS FASES TÃO ALTOMÁTICAS
E DESLIZES DE TEMPO
QUE POSSAMOS COMO EM CAMERA LENTA
ADMIRAR CADA MOMENTO
"OH AS IDEIAS DA CRISTAL... ELA NEM TEM IDADE"
MAS É DIFÍCIL SER REAL, NESSA REALIDADE
PROCURO CONVERSAS E SORRISOS,
PROCURO GENTE DE VERDADE
MAS ME ASSUSTA
QUANDO CONVERSAR COM A ALMA ME PARECE RARIDADE
MAS, QUEM SOU EU PRA FALAR DE AMOR?
A MAIS NOVA,
MAIS NOVA SENSIBILIDADE QUE ME DESPERTOU
PARA O AGORA
AFINAL, FOI GISELE QUE ME ENSINOU
QUE A GLÓRIA É MAIS SABOROSA QUANDO SE TEM EMOÇÃO
E A PALAVRA EMOS... SÃO TÃO SENTIMENTAIS
ME COMPARANDO AGORA, ACHO QUE SOMOS TÃO IGUAIS
E SE NÃO TIVER FINAIS FELIZES PARA AS HISTÓRIAS QUE
VOU TRAÇAR
QUE SEJAM, PELO MENOS, BASEADAS EM FATOS REAIS
SOFRER POR CRUSH? DÁ LICENÇA
OLHA PARA MINHA CARA
MENTIRA...
TAVA ESCRREVENDO ISSO TIPO "VAI QUE NINGUÉM REPARA"
TIPO UNS "POW!" NO MEU PEITO
CREDO! COMO EU FICO CHATA!
SORRISO BOBO COM OS OLHOS VIDRADOS NA MADRUGADA
O EGO INFLA, O CORAÇÃO PARA
PARA REPARAR ENQUANTO A GENTE SE ENCARA
GISA TAMBÉM ME ENSINOU A AMAR
E EU TE DIGO
QUANDO MINHA FONTE SECAR
EU INSISTO
EM ME FAZER DE REDENÇÃO SE FOR PRECISO
E SE AS DORES VIEREM ME AQUIETAR
EU RESISTO
É QUE EU NUNCA FUI DE ME APAIXONAR,
MAS EU MINTO
ENTÃO PARA ESCONDER A SOLIDÃO
EU RECITO

LOCAL: VIADUTO DO BROOKLYN - PORTO ALEGRE/RS

acessado em 03/08/2023
https://www.youtube.com/watch?v=JT_EwH94ems&t=23s



vamos falar de Slam?



A PARTIR DA LEITURA REALIZADA, REFLITA SOBRE AS QUESTÕES ABAIXO:

1. Como você imagina que seja a autora deste poema? Descreva como você a imaginou e explique o porquê.
2. Em qual espaço, físico ou digital, você acredita que esse poema foi apresentado? Justifique sua resposta.
3. – Que marcas da oralidade você identifica no poema? Por quê? Sublinhe no poema essas marcas.



Vamos falar de Slam?

Vídeo 1: Cristal Rocha 15ª edição Slam Peleia



acessado em 03/08/2023
https://www.youtube.com/watch?v=JT_EwH94ems&t=23s

Após visualizarmos, pensem no seguinte:

1. A imagem que você construiu da autora antes de assistir ao vídeo se aproximou da realidade? Quais foram as diferenças e as semelhanças?
2. O que pode-se observar do espaço físico em que a poesia foi apresentada? Como ele era?
3. Algo chamou a sua atenção na apresentação?
4. Na sua opinião, ouvir a poesia causou uma interpretação diferente da que você teve apenas tendo contato com o texto? Explique o seu ponto de vista.



QUE VOZES SÃO ESSAS?

1. No vídeo que assistimos o slammer Deds conta um pouco de sua realidade através da poesia. Partindo do conteúdo apresentado, como você descreveria a comunidade em que o poeta vive? Em alguma medida essa comunidade é semelhante à sua?
2. O espaço físico em que acontecem os encontros de slam é muito importante dentro desta prática. Observe novamente o vídeo, caso seja necessário, e comente como é o lugar em que o poema se encontra.
3. A linguagem é instrumento de expressão importante e por isso existem formas diferentes de utilizá-la conforme o ambiente em que nos encontramos. Pensando nisso, quais as características da linguagem usada no slam apresentado? Exemplifique e explique sua resposta.
4. Você diria que a linguagem usada no vídeo é semelhante a que você e seus colegas usam no dia a dia? Justifique sua resposta.
5. Outro fator muito importante na prática do slam é o uso de rimas dentro dos poemas. No vídeo assistido, você percebeu os momentos em que o poeta utilizou esse recurso? Se possível, cite um exemplo.

Organizando as ideias

PARA PODER EXPRESSAR DA MELHOR FORMA POSSÍVEL AS SUAS IDEIAS, É NECESSÁRIO, PRIMEIRAMENTE, ESTABELECE O ASSUNTO PRINCIPAL DO SEU POEMA. PENSANDO NISSO, RESPONDA ÀS QUESTÕES ABAIXO CONSIDERANDO QUE O PRÓXIMO PASSO SERÁ A ESCRITA DO SEU PRÓPRIO SLAM.

1. Convido você a refletir sobre suas vivências na comunidade em da qual você faz parte, seja dentro ou fora da escola. A partir disso, se questione: sobre qual assunto, relacionado a esses espaços e as suas experiências, você gostaria de falar?
2. Esse assunto é relacionado à alguma questão social que afeta a sua vida?
3. Após a escolha, pense: esse assunto é abordado na escola ou na sua comunidade? Tente justificar a sua resposta, seja ela positiva ou negativa.
4. Você acredita que essa questão é algo que atinge a maioria das pessoas com idades e vidas parecidas com a sua? Se sim, então, por que não se fala sobre isso?
5. Agora, pense que você terá o espaço e o tempo para falar sobre isso: por onde você começaria conversar sobre isso? E como continuaria a discussão?
6. Considere que outros estudantes também estarão ouvindo, como você pode passar a sua mensagem, para que eles também se sintam representados e percebam que vocês tem pensamentos parecidos?

BATALHA DE SLAM

OBSERVE AS INSTRUÇÕES ABAIXO PARA PODERMOS ORGANIZAR NOSSAS APRESENTAÇÕES.

01

ESCOLHA DOS GRUPOS

PARA QUE A BATALHA DE SLAM ACONTEÇA É PRECISO QUE A TURMA SE DIVIDA EM DOIS GRANDES GRUPOS QUE, POSTERIORMENTE, IRÃO COMPETIR. PARA ISSO, CONVERSE COM SEUS COLEGAS E VEJA QUAIS DE SUAS POESIAS TEM UMA TEMÁTICA QUE SE APROXIMA DA SUA, POIS, ASSIM, PODERÃO FAZER PARTE DO MESMO GRUPO.

02

NOMEAÇÃO DOS GRUPOS

APÓS FORMAREM UM GRUPO, É NECESSÁRIO DAR UM NOME PARA ELE. PARA ISSO, VOCÊS PODEM CONSIDERAR ALGUM DOS SEGUINTE ASPECTOS:

- SOBRE O QUE FALAM AS POESIAS DO GRUPO QUE FORMAMOS?
- COMO SÃO AS PESSOAS QUE FAZEM PARTE DELE? ELAS POSSUEM UMA CARACTERÍSTICA EM COMUM?
- QUAL MENSAGEM O GRUPO COMO UM TODO IRÁ PASSAR A PARTIR DAS POESIAS APRESENTADAS?

03

ORGANIZAÇÃO DA APRESENTAÇÃO

NO DIA DA APRESENTAÇÃO O PÚBLICO SERÁ COMPOSTO PELA COMUNIDADE ESCOLAR, JUNTAMENTE DOS FAMILIARES E AMIGOS DE VOCÊS.

É NECESSÁRIO LEMBRAR QUE VOCÊS SERÃO JULGADOS POR TRÊS JURADOS, QUE SERÃO ESCOLHIDOS DE FORMA ALEATÓRIA A PARTIR DA PLATEIA PRESENTE. PORTANTO, OBSERVE ABAIXO AS REGRAS QUE DEVEM SER CONSIDERADAS NA BATALHA E QUE SERÃO PASSADAS AO JURI NO DIA DA APRESENTAÇÃO.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

- AS POESIAS APRESENTADAS DEVEM SER AUTORAIS, CASO CONTRÁRIO O SLAMMER (POETA) SERÁ DESCLASSIFICADO;
- A APRESENTAÇÃO DO POEMA TERÁ O TEMPO MÁXIMO DE TRÊS MINUTOS;
- NÃO SÃO PERMITIDOS ADEREÇOS, COMO CELULAR OU FOLHA COM O TEXTO, NA APRESENTAÇÃO;
- OS JURADOS DARÃO NOTAS DE 1 A 10 PARA CADA POESIA APRESENTADA E, NO FINAL, RESTARÁ UM PARTICIPANTE DE CADA GRUPO PARA A ÚLTIMA COMPETIÇÃO.